

*(...) Ah! Tantos desconhecidos mortos
os que nasceram mais tarde
não hão-de-gritar humilhados
bayete-bayete-bayete
à kapulana vermelha e verde
se substituírem no tempo
kapulanas de várias cores. (...)*

Corria o ano de 1954 quando Virgílio de Lemos escreveu este poema com o pseudónimo de Duarte Galvão. Foi acusado de desrespeito à bandeira portuguesa. O advogado Carlos Adrião Rodrigues conseguiu convencer as autoridades de que chamar a bandeira de capulana verde e vermelha era uma forma de consideração, porque só as mamas, as senhoras de grande integridade, a vestiam.

De norte a sul de Moçambique não há mulher que não use a capulana. Usa-a para se vestir, para limpar e embrulhar as crianças, para as amarrar às costas, usa-a como toalha e como cortina. Ou na mudança de casa e em viagem, como embrulho da trouxa.

A capulana não é para uso exclusivo das camponesas, como se possa pensar. As mulheres urbanas, que em geral se vestem à maneira ocidental, usam-na invariavelmente como traje de trazer por casa ou em certas cerimónias familiares.

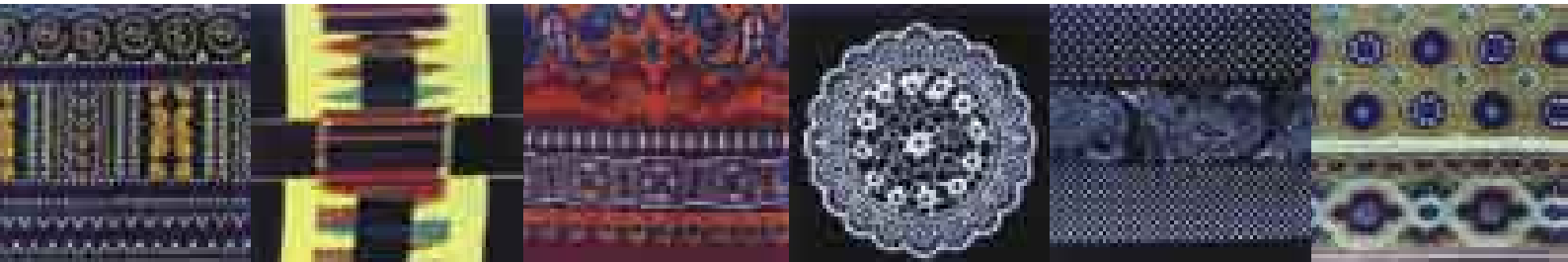
Outras mulheres, em África, usam o mesmo tipo de pano rectangular de algodão e, ultimamente, com mistura de fibras sintéticas, largos motivos estampados incluindo caras de “presidentes”, e sobretudo com cores vibrantes. Mulheres e raparigas cobertas com estes panos coloridos, dão vida e cor às estradas de terra que cortam a paisagem monótona da savana ou às ruas e mercados das ruidosas e desordenadas cidades africanas.

Noutros países estes panos podem ter outros nomes. No Quênia chama-se “kanga”. Na África Ocidental, no Congo ou no Senegal, chamam-lhe “pagne”. Muitas línguas moçambicanas têm nomes vernáculos para estes rectângulos de tecido. Mas “capulana” é o nome mais usado, desde norte a sul, de leste a oeste em Moçambique. Hoje o nome faz parte do léxico da língua portuguesa mas não é uma palavra de idêntica origem.

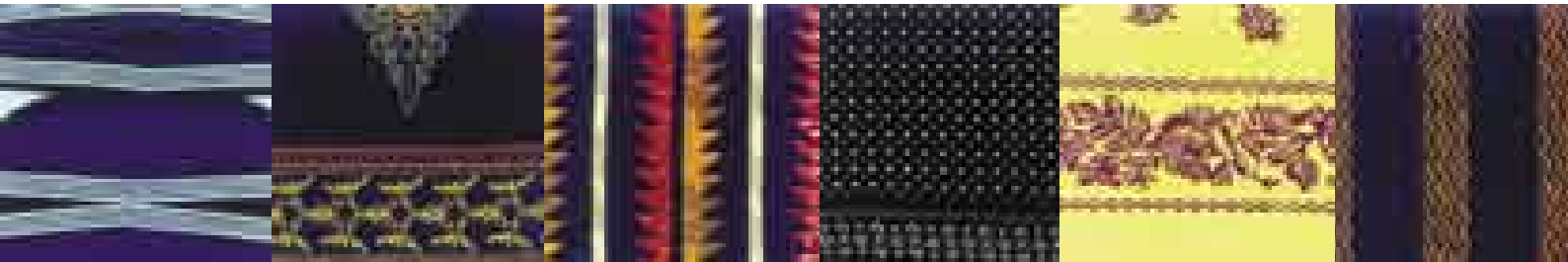
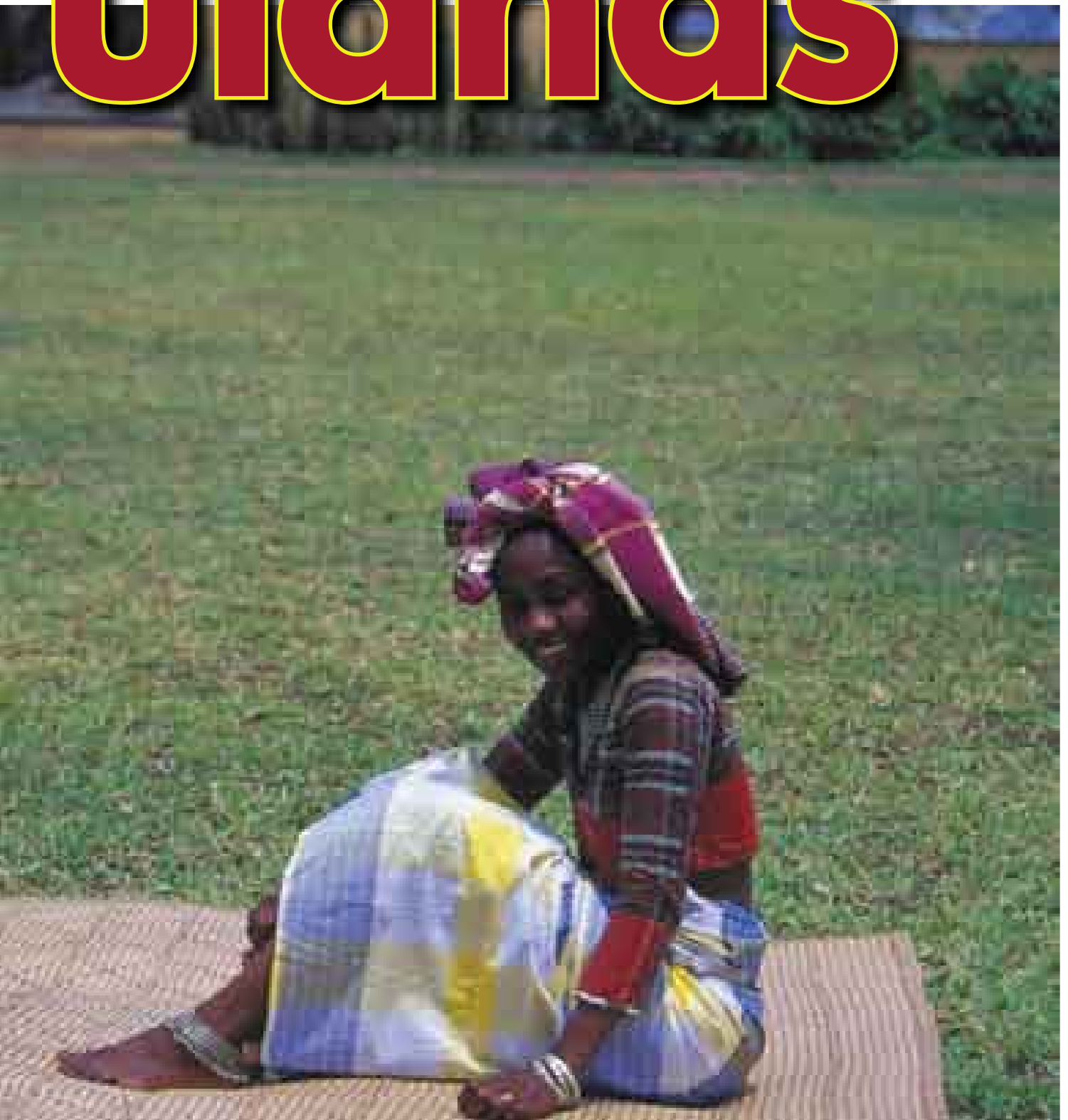
Uma das primeiras explicações que ouvimos, foi de que o nome derivava de *Ka Polana*, que significa o lugar do régulo Polana, hoje integrado na cidade de Maputo. Mas tudo indicando que o uso da capulana veio do norte para o sul, não parece plausível que o nome que ficou na língua tenha tido origem no sul.

O autor do Dicionário Português-Changane, Bento Sitói, também não conhece a origem da palavra mas nota que ela não se usa em nenhum outro país africano de língua portuguesa onde é simplesmente “pano”. Usa-se porém no Brasil, tendo como sinónimo *canga*, a palavra suáli que referi atrás. E assim a origem da palavra capulana continua um enigma.

Cap



ulanas





Capulanas

(...) Ah! So many dead, unknown
those who were born later
will not cry out in shame
bayete-bayete-bayete
to the red and green kapulana
replaced in time
with kapulanas of various colours. (...)

It was in 1954 that Virgílio de Lemos wrote this poem, under the pseudonym Duarte Galvão. He was accused of insulting the Portuguese flag. His lawyer Carlos Adrião Rodrigues was able to persuade the authorities that to call the flag the *capulana verde vermelha* [red and green] was a form of respect because only the *mamanas*, women of true integrity, wore it.

From the north to the south of Mozambique there is no woman who doesn't wear a *capulana*. They wear it for everyday, to clean and wrap the children, to bind them to their back or as a towel and a curtain. Or when moving house and travelling, to wrap their belongings.

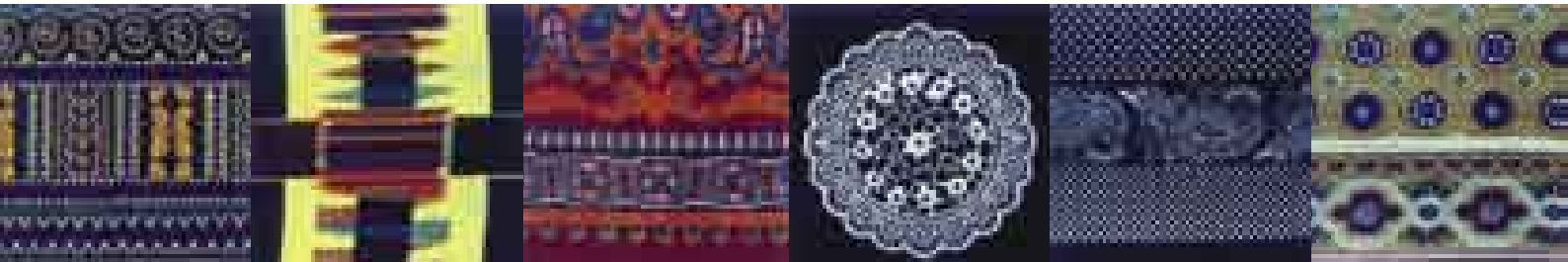
But it is not used only by the countrywomen, as one might imagine. Urban women, too, who usually dress western style, invariably wear it when they are around the home or for certain family ceremonies.

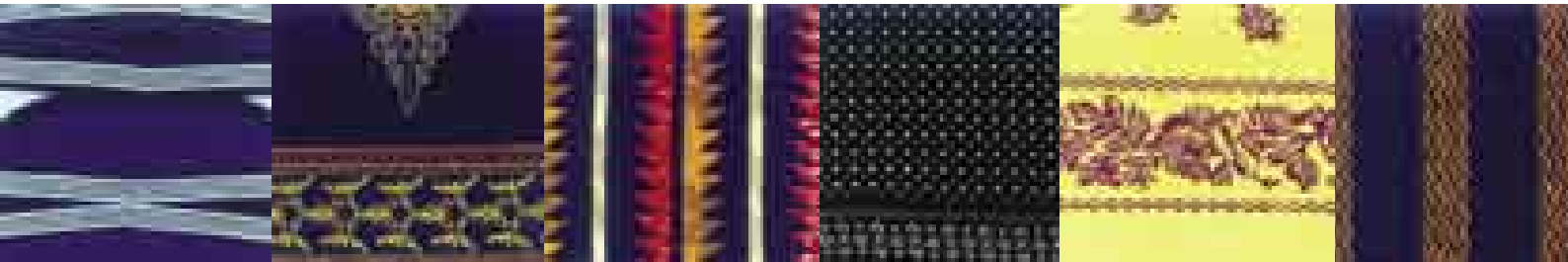
Other women in Africa use the same kind of rectangular cotton cloth, which more recently comes in a blend of synthetic fibres and with large printed motifs, including the faces of "presidents", and in bold colours. Women and girls covered with these coloured fabrics bring life and colour to the country roads that criss-cross the monotonous savannah landscape or the streets and markets of the noisy, chaotic African towns.

These cloths have other names in different countries. In Kenya they are called *kanga*. In West Africa, in Congo and Senegal, they're called *pagne*. Many Mozambican languages have vernacular names for them. But *capulana* is the commonest name, used from north to south and east to west in Mozambique. Today the name is part of the Portuguese language but its origin lies elsewhere.

One of the first explanations we came across was that it comes from *Ka Polana*, which means 'place of Chief Polano', and is today part of the city of Maputo. But since everything suggests that the use of the *capulana* came from north to south, it is highly unlikely that it would have originated in the south.

Even the author of the Portuguese-Changane dictionary, Bento Sitóji, does not know the origin of the word. But he observes that it isn't used in any other Portuguese-speaking African country, where the word *pano* (cloth) is simply used. However it is used in Brazil, having *canga* as a synonym, the Swahili word mentioned above. And so the origin of the word *capulana* remains a mystery.





Assim escreve Noémia de Sousa no Poema para Rui de Noronha, no aniversário da morte.

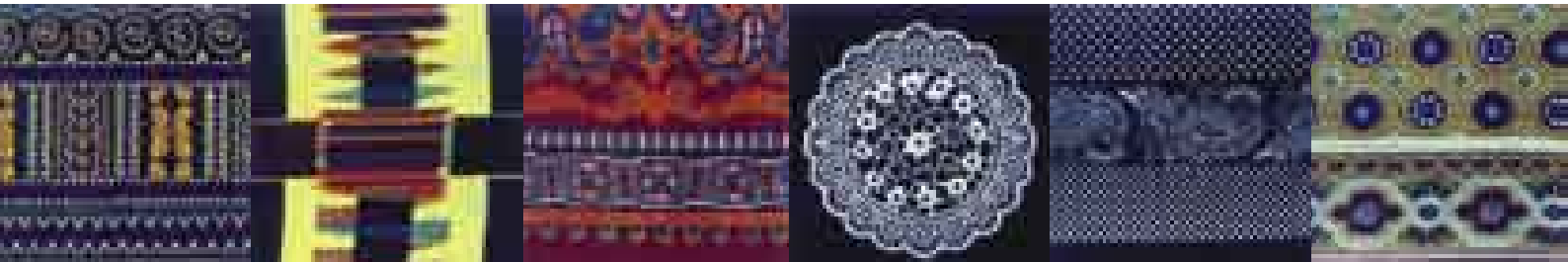
*(...) Mas se tu me vens, Poeta
desarmado e trágico,
eu te recebo fraternalmente
na capulana quente da minha consideração
e te embalo com a música da mais doce canção
ouvida da minha cocuana negra. (...)*

AS ORIGENS DA CAPULANA

Na África oriental onde se fala suaíli, diz-se que este modo de vestir surgiu em meados do século XIX, quando as mulheres começaram a comprar lenços (em suaíli diz-se *leso*) de tecido de algodão estampado e colorido, trazido pelos mercadores portugueses do Oriente para Mombaça. Em vez de comprar um a um, mandavam cortar seis quadrados de uma vez, dividiam este pano ao meio e coziam o lado mais comprido fazendo uma “capulana” de 3x2 lenços. Depois era só envolver o corpo, amarrar com mais ou menos estilo e a moda impunha-se à medida que cada vez mais mulheres faziam o mesmo.

Claro que os comerciantes não tardaram em encomendar aos fabricantes, na Índia ou noutros lugares da Ásia, não apenas “lenços” mas panos com a largura e o comprimento que as mulheres pretendiam. O estampado das “capulanas” era inspirado no *sari* indiano e no *sarong* indonésio, com os motivos maiores no centro e uma barra a toda a volta. Nos nossos dias os motivos são cada vez mais ao gosto africano, procurando os nossos diligentes comerciantes asiáticos ir ao encontro dos gostos e preferências das suas clientes.

Há uma coisa que distingue a capulana que se usa em Moçambique das que vêm doutros países mais a norte: aqui não se usam as “legendas” impressas que caracterizam as capulanas do Malawi, Quênia ou Tanzânia e raramente se vêem retratos de dirigentes políticos ou religiosos.





As Noémia de Sousa wrote in her Poem to Rui de Noronha, on the anniversary of his death.

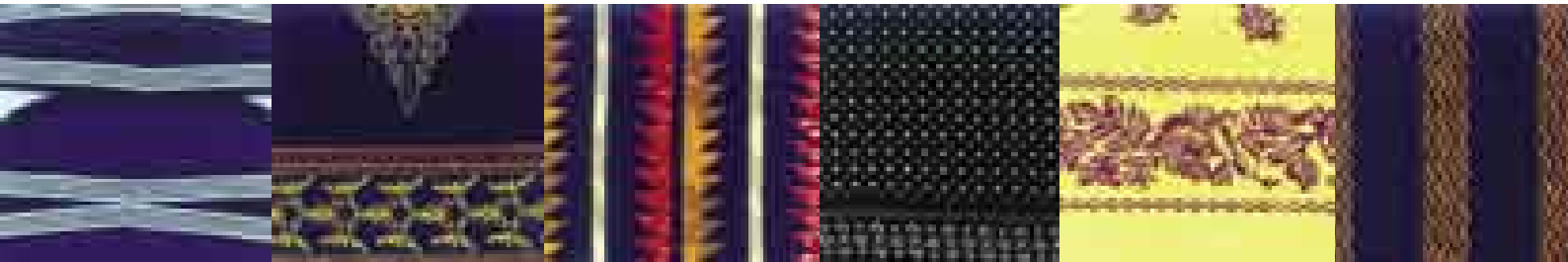
*(...) But if you come to me, Poet
unarmed and tragic,
and I welcome you as a brother
in the warm capulana of my respect
and lull you with the music of the sweetest song
heard from my black grandmother. (...)*

THE ORIGINS OF THE CAPULANA

In East Africa, where Swahili is spoken, it is said that this kind of dress emerged in the mid-19th century, when women began to buy coloured cotton sheets (*leso* in Swahili) with prints, brought from the Orient to Mombassa by Portuguese merchants. Instead of buying one at a time, they ordered six squares in one piece, and divided this cloth in half, and then sewed the longest side to make a *capulana* of 3x2 sheets. Then it was just wound round the body, fastened with more or less style and the fashion was established so that more and more women were doing the same.

Naturally the traders lost no time in ordering both “sheets” and cloths of the width and length that the women wanted from the manufacturers in India or elsewhere in Asia. The print of the *capulanas* was inspired by the Indian sari and Indonesian sarong, with larger motifs in the middle and a stripe all round the edge. Nowadays the motifs are much more in the African taste as our hardworking Asian traders are trying to suit the tastes and preferences of their customers.

There is something that sets the *capulana* worn in Mozambique apart, distinguishing it from the garments coming from the more northerly countries: here, they don't use printed “captions” that are a feature of the *capulanas* from Malawi, Kenya and Tanzania, and one hardly ever sees portraits of political or religious leaders.



A capulana é mulher. É vida. É sexo. É ciúmes.
Como nos versos de Orlando Mendes no *Adeus de Gutucumbi*

*(...) Eu te daria se não fosses a noiva de todos
fazendo bandeira com uma capulana garrida
às nove da noite naquela rua de areia suburbana (...)*

CAPULANAS FALAM

Guardadas nos baús, as capulanas são o símbolo da riqueza que uma mulher possui. Foram-lhe oferecidas pelo homem que as cortejou, o marido que as amou, o filho quando regressou das minas do Transvaal, o genro que lhe quer a filha. A dona não as usa, guarda-as, entesoura-as. Só uma ocasião muito especial as fará sair à luz do dia. Mas podem ser oferecidas como presente, à filha, à futura nora, à neta no seu casamento. E quando a dona morrer elas passarão como herança para as descendentes suficientemente afortunadas para serem contempladas com elas.

Mas a avó, em dia de boa disposição, pode chamar a neta para lhe mostrar as capulanas guardadas e falar-lhe do passado. A capulana, aqui, é documento histórico. Acontecimentos passados, contemporâneos da chegada de uma nova capulana às lojas dos “baniane” (comerciante asiático), dão o nome a essa capulana. Pode ser a prisão de Gungunhana o Imperador de Gaza. Ou a praga de gafanhotos que se abateu sobre o sul de Moçambique em 1934. Talvez evoque uma grande epidemia que vitimou a região, ou a visita dum dirigente político depois da Independência. Cada capulana “fala” desse acontecimento social ou histórico. A avó certamente não tem toda a história passada no seu baú, mas tem capulanas bastantes para relembrar à neta coisas antigas de que elas são os “documentos”.



The *capulana* is female. She is life, sex, jealousy. As Orlando Mendes writes in his *Adeus de Gugucumbi*

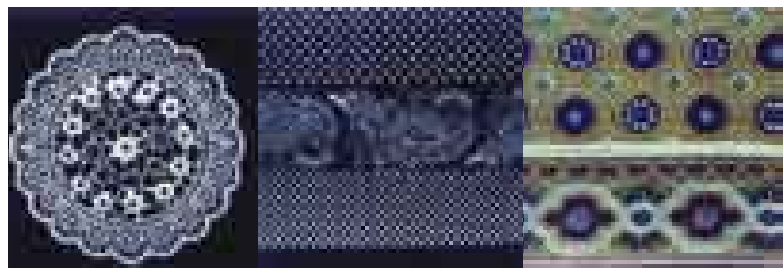
*(...) I would give you if you weren't the bride of all
making a flag with an elegant capulana
at nine o'clock at night in that sandy suburban street (...)*

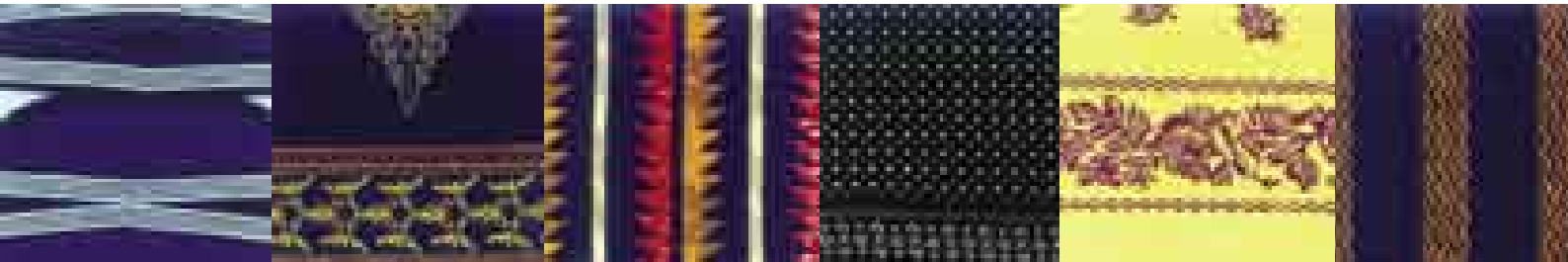


UNDERSTANDING CAPULANAS

Kept in trunks, *capulanas* are the symbol of a woman's wealth. They have been given to her by the man who has courted her, the husband who has loved her, the son who has come back from the Transvaal mines, the son-in-law who wants her daughter. The owner does not wear them, she keeps them, she treasures them. They only see the light of day on very special occasions. But they can be given as presents, to a daughter, a daughter-in-law to be, a granddaughter on her wedding day. And when the owner dies, they are part of the inheritance of those female heirs lucky enough to have them handed down to them.

But a grandmother can, when she feels like it, call her granddaughter and show her the *capulanas* stored away, and tell her about the past. Here, the *capulana* is an historical document. Past events that took place when a new *capulana* arrived in the “baniane” (Asian shopkeepers) stores give their name to such-and-such a *capulana*. It might be the arrest of Gungunhana the Emperor of Gaza. Or the plague of locusts that struck southern Mozambique in 1934. It might evoke a great epidemic that afflicted the region, or the visit of a political leader after Independence. Each *capulana* “speaks” about such a social or historical event. Of course a grandmother does not have her entire history in her trunk, but she has enough *capulanas* to remind her granddaughter about the olden times that they ‘document’.







The process of naming a *capulana* is part of their marketing. A new *capulana* garment arrives at the store and the shopkeeper hastens to introduce his customers to the new pattern. They come usually in a small group: mother, daughters and daughters-in-law, friends and maybe neighbours. And the exchange of comments with the shopkeeper ends up with the christening of the *capulana*. Later on, other customers come along to ask for the *capulana* that the neighbours have shown them and now they ask for it by name.

Note that the *capulana* does not always refer to a historical event or a national social happening. It is sometimes just a memento of something that took place in a small community, in a village or in a district of some town. It may just be an intrigue or conflict between rival women, like a *capulana* celebrating what is known in the Ronga language as “Xivite Xa Leta”, the hatred of Leta. The name remembers a quarrel between two women, because one stole the other’s husband. Leta was obviously the victim with whom the others showed solidarity...

THE CAPULANA IN GRIEF OR MAGIC

A widow at the burial ceremony of her husband wears a *capulana* to cover her head and face, to “hide her tears”. There are even *capulanas* with white and black patterns to be worn as a sign of mourning. But according to painter Malangatana Valente, who talked to us about *capulanas* in southern Mozambique, when the women in the family are getting ready for the funeral ceremony of a loved one they buy new *capulanas* and all dress alike.

There is a special *capulana*, a specific one, that only witch doctors or fortune tellers wear. An ordinary person would not dare wear them, because it would be regarded as a lack of respect, an unthinkable behaviour. The *capulana* of



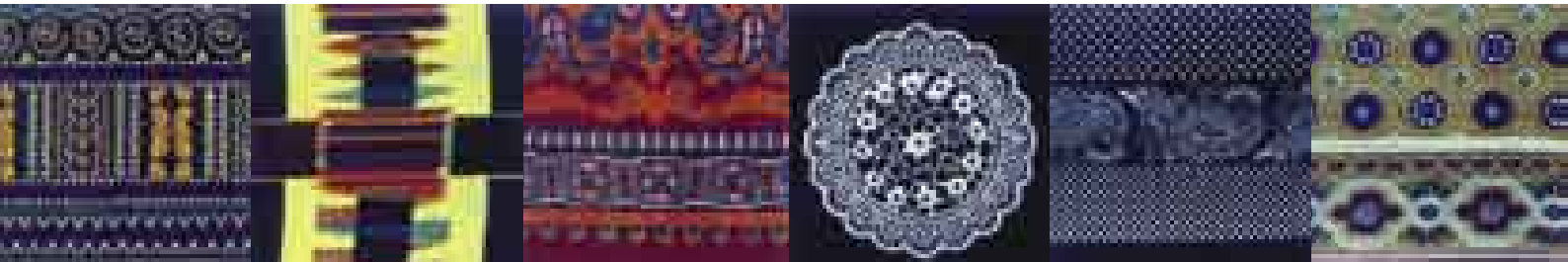
O processo de dar nome à capulana é parte da sua comercialização. Uma nova peça de capulana chega à loja e o comerciante apressa-se a apresentar o novo padrão às primeiras clientes. Elas estão em geral num pequeno grupo: mãe, filhas e noras, amigas ou vizinhas. E a troca de comentários em que o comerciante participa, acaba no batismo da capulana. Mais tarde, outras clientes aparecem a pedir a capulana que as vizinhas lhe mostraram e já a pedem pelo nome.

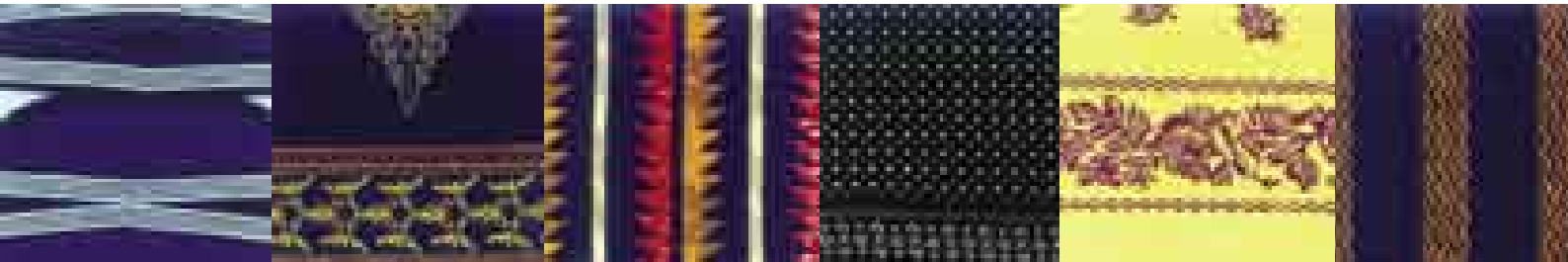
Note-se que nem sempre a capulana se refere a um acontecimento histórico ou de âmbito social à escala nacional. Às vezes recorda apenas qualquer coisa passada numa pequena comunidade, numa aldeia ou num bairro citadino. Pode ser apenas uma intriga ou conflito entre mulheres rivais como uma capulana célebre que se chamou em ronga “Xivite Xa Leta”, o ódio de Leta. O nome recorda uma briga entre duas mulheres porque uma roubou o marido à outra. Leta, obviamente, foi a vítima com quem as outras se solidarizaram...

A CAPULANA NO LUTO OU NA MAGIA

Na cerimónia do enterro do marido, a viúva usa uma capulana sobre a cabeça e o rosto para “cobrir o choro”. Há mesmo capulanas de motivos a branco e preto para serem usadas em sinal de luto. Mas, segundo o pintor Malangatana Valente, que conversou connosco sobre o uso da capulana no Sul de Moçambique, as mulheres da família, quando se preparam para a cerimónia do funeral do ente querido, vão à loja comprar capulanas novas e todas se vestem de igual.

Há uma capulana especial, específica mesmo, que só os curandeiros ou adivinhos usam. Uma pessoa comum não se atreve a usá-la pois seria considerado uma falta de respeito, uma atitude impensável. A capulana das cerimónias mágicas tem apenas três cores – branco, vermelho e preto – e um padrão característico. O mais típico é um grande sol vermelho com





cercadura de triângulos pretos, como motivo central, repetido em tamanho pequeno na barra. Esta capulana, usada por uma mulher com um penteado especial de madeixas envolvidas numa argila especial e rara, que dão ao cabelo uma cor castanho-avermelhada, identificam imediatamente essa mulher como pessoa de estatuto e sabedoria especial: uma curandeira que também lê o passado e prevê o futuro.

Diz Malangatana que estas três cores estão associadas à magia. A pequena cubata redonda do feitiçeiro ou adivinho, quando ele está lá dentro recebendo os que o procuram, pode ser decorada com uma faixa de tecido de algodão branco, vermelho ou preto, envolvendo pelo lado de fora o perímetro da casa. As árvores sagradas, à sombra das quais se fazem cerimónias ligadas ao culto dos antepassados e dirigidas pelos mais velhos, são assinaladas com um laço desse tecido, geralmente vermelho. Há algumas décadas, percorrendo caminhos interiores entre povoações, ainda era habitual ver essas faixas atadas com um nó simples a um dos ramos mais baixos.

As capulanas em apenas duas ou três cores, por exemplo azul escuro como cor de fundo, com motivos pequenos e delicados em branco, estiveram muito em voga nos anos 60 e estão a regressar. Quando estas capulanas são ligadas duas a duas, com um bordado aberto ou renda, no meio, chamam-se *mucumi*. É só usada pelas mulheres mais velhas, como por exemplo a mãe da noiva no dia do pedido de casamento. Ou usada como cobertura nupcial da esteira, segundo algumas das nossas informadoras.

Enfim, sem desmerecer a graça e o estilo com que as moçambicanas do sul de Moçambique sabem amarrar a capulana à cintura, é preciso ir ao norte, a Nampula, Nacala, Pemba ou Ilha de Moçambique para ver a arte e a fantasia do traje com base na capulana.

As mulheres, aqui, usam várias capulanas sobrepostas e lenços ou outras capulanas na cabeça, artisticamente armados em toucado, com cores e padrões perfeitamente combinados. Nas cidades costeiras e na Ilha, brincos e colares de filigrana de prata, arte dos joalheiros locais, são complemento que empresta luxo e opulência às capulanas de algodão, estampadas ou tecidas, que as mulheres só tiram da arca em dia de festa. ■

Texto extraído do livro *Capulanas & Lenços*, publicado pela Missanga



magic rites has only three colours - white, red and black - it is a traditional pattern. The most typical is a huge red sun, with a border of black triangles, a central motif, repeated in miniature on the stripe. This *capulana* is worn by a woman with a different hairstyle, with tresses covered in special, rare clay that gives the hair a reddish-brown colour, immediately identifying this woman as a person of standing, endowed with particular wisdom: a witch doctor who can both see the past and foretell the future.

Malangatana says that these three colours are associated with magic. The small round hut of the magician or fortune teller can be decorated with a strip of white, red or black cotton around the outside perimeter of the house, when he is inside, receiving anyone who wishes to consult him. The sacred trees, in the shade of which the ceremonies linked to the cult of the ancestors and led by the elders take place, are marked with a bow of this material, usually in red. Some decades ago, passing along the paths between villages, one would see these strips fixed to

one of the lower branches with a simple knot.

The *capulanas* of two or three colours, such as dark blue as a background, with small patterns in white, were very popular in the 1960s, and these are now making a comeback. When these *capulanas* are joined in twos, with open embroidery or lace in the middle, they are called *mucumi*. These are only worn by older women, like the mother of a bride on the day she is

proposed. Or it may be used as a nuptial covering of the straw mat, according to some.

In fact, without detracting from the grace and style with which the ladies from southern Mozambique know how to fasten the *capulana* to the waist, you really need to go north, to Nampula, Nacala, Pemba or to Ilha de Moçambique, to see the art and imagination of the dress, based on the *capulana*.

Women here wear several *capulanas*, one over another, and sheets or other *capulanas* on the head, artistically prepared as a headdress, in perfectly combined colours and patterns. In the coastal towns and on the Ilha, silver filigree earrings and necklaces, made by local craftsmen, add a touch of luxury and opulence to the cotton *capulanas*, printed or woven, that the women only take out of the chest on festive occasions. ■

From the book *Capulanas & Lenços*, published by Missanga

